

DIÁLOGOS DO LITERÁRIO

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ROSA MARIA GOULART
E FERNANDO VIEIRA-PIMENTEL

EDIÇÃO DE EDUARDO MOREIRA DA SILVA,
MARIA DO CÉU FRAGA E PAULO MENESES

DIÁLOGOS DO LITERÁRIO

CENTRO DE
ESTUDOS
HUMANÍSTICOS
UNIVERSIDADE
DOS AÇORES

CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS | UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Nullam leo metus, dictum eu scelerisque non, ornare in dolor. In dolor sapien, dignissim nec porta non, consectetur vitae nisl. Quisque velit nunc, interdum ut ultrices lacinia, iaculis sed tellus. Mauris pretium imperdiet nisl, ut consequat nisl feugiat eget. Curabitur tempus tempus lorem, non lacinia risus ultrices eget. Nunc lorem nulla, interdum vitae eleifend at, auctor non lectus. Aliquam eu congue magna. Sed lobortis sodales velit ac tempus. Aliquam nisl ante, molestie a tristique eget, egestas eget ligula. Nulla facilisi. Cras voluptat ultricies tellus, in dignissim magna varius a. Class aptent taciti sociosqu ad litora torquent per conubia nostra, per inceptos himenaeos.

Nullam convallis facilisis mauris at dapibus. Donec faucibus urna vitae velit dignissim eu consequat. dolor gravida. Quisque nec mauris vel massa malesuada pretium. Mauris scelerisque adipiscing ante, nec ultricies erat rutrum in. Sed a porta velit. Nullam ut nisl felis, id tempor enim. Vestibulum eget lacus at mauris hendrerit ornare at quis nisl. Pellentesque nec enim felis. Aliquam euismod fermentum metus, sed semper nulla porttitor semper. Aliquam cursus, sapien a vestibulum pretium, ipsum tellus faucibus urna, nec aliquet ante velit eu mauris.

DIÁLOGOS DO LITERÁRIO

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ROSA MARIA GOULART
E FERNANDO VIEIRA-PIMENTEL

EDIÇÃO DE EDUARDO MOREIRA DA SILVA,
MARIA DO CÉU FRAGA E PAULO MENESES

Ficha técnica

Título

DIÁLOGOS DO LITERÁRIO

Estudos em Homenagem a Rosa Maria Goulart e Fernando Vieira-Pimentel

Editores

Eduardo Moreira da Silva, Maria do Céu Fraga e Paulo Meneses

Edição

Centro de Estudos Humanísticos – Universidade dos Açores

Dezembro de 2021

Capa e Execução Gráfica

Nova Gráfica, Lda. – Ponta Delgada

Depósito Legal

493079/21

ISBN

978-989-53123-5-1

ÍNDICE

OS HOMENAGEADOS

Rosa Maria Goulart	xv
Fernando Vieira-Pimentel	xxxI

A HOMENAGEM

Ana Cristina Gil	3
Ontem e hoje: Pós-colonialismo e identidade em <i>a Noite das Mulheres Cantoras</i> , de Lídia Jorge	
Ana Luísa Vilela	17
João de Melo e Paula Rego: o corpo e a alma do vinho	
Carlos Reis	27
Narrativização do espaço e travessias do tempo: Cesário Verde, Bernardo Soares e José Saramago	
Darío Villanueva	51
Imágenes de la ciudad em la poesia y el cine de la vanguardia	
Eduardo Jorge Moreira da Silva	71
Da <i>divisio</i> do conceito de “arte verbal” e da literatura como ficção e imitação	

Emanuel Oliveira Medeiros	143
Educação literária, diálogos e fenomenologia. Do mundo original, do sujeito-indivíduo e do <i>indizível</i> na vida – que formação?	
Isabel Cristina Rodrigues	163
O anel de Giges: metalepse e contaminação ontológica em Vergílio Ferreira	
José Augusto Cardoso Bernardes	185
Sátira na literatura portuguesa de quinhentos	
José Cândido de Oliveira Martins	209
Dominantes do diálogo epistolar entre Jorge de Sena e Virgílio Ferreira	
Leonor Sampaio da Silva	233
Partidas de um discurso amoroso: os diálogos ocultos num guião de um filme	
Maria de Fátima Marinho	245
Espelhos opacos e biombos transparentes (a propósito de <i>A Ronda da Noite</i> de Agustina Bessa-Luís)	
Maria do Céu Fraga	259
Literatura portuguesa clássica: um saber inútil?	
Maria Helena Santana	281
Escrever <i>em português e portuguesmente</i> : um olhar sobre a dramaturgia inédita de Garrett	
Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva	299
Poética da açorianidade em <i>Mau Tempo no Canal</i>	

Mário Viana	309
O património urbano e rural das ordens militares em Santarém nos séculos XII-XIV. Uma reflexão metodológica	
Oswaldo Manuel Silvestre	321
Duas semanas na ilha do Corvo	
Paulo Meneses	333
<i>Menina e Moça</i> de Bernardim Ribeiro: vocalidade fictiva e terapia dos acidentes da alma	
Rui Sampaio da Silva	349
A mimêsis como categoria estética e hermenêutica	
Rui Tavares de Faria	363
Ágaton e Aristófanes: O trágico e o cómico em diálogo	
Urbano Bettencourt	385
De naufrágio a naufrágio — a autobiografia de Ruben A.	
Vítor Aguiar e Silva	401
Significado literal e significado metafórico	

João de Melo e Paula Rego: o corpo e a alma do vinho

**Ana Luísa Vilela
Universidade de Évora
CLP / CIDEHUS / CEL-UÉ**

1. É uma história curiosa. Há alguns anos, um produtor de vinhos encomendou a Paula Rego um desenho para o rótulo das suas garrafas. A pintora propôs uma série de três esboços. Mas o produtor, muito razoavelmente, detestou as obras propostas e ensaiou mesmo a intenção de processar judicialmente a artista. A série de esboços recusados teve de esperar vários anos antes de surgir publicamente. Em 2007, acrescentadas por outras sete com o mesmo tema, e tornadas litogravuras, as imagens viram finalmente a luz do dia – num livro, um belíssimo objeto de arte, que reúne a edição bilingue (em português e em inglês) de um conto, *O Vinho*, escrito por João de Melo, e as reproduções das gravuras de Paula Rego, recusadas pelo indignado industrial. A própria pintora e o seu modelo Anthony Rudolf se encarregaram da tradução do conto para inglês.

Um comentário imediato é inevitável: a aliança estética entre as obras dos dois artistas parece medianamente improvável - a pintura é adstringente, sarcástica, impiedosa, ácida (o que é fatal, em se tratando de vinho!); a escrita é melancólica, suave e envolvente, perpassada de lirismo simples e de compaixão.

O conto *O Vinho*, de João de Melo, é dominado pela isotopia da alma.¹ Pelo contrário, as gravuras de Paula Rego mostram-nos sobretudo corpos, em toda a sua cruel intimidade.

No conto de João de Melo, a identidade e o vinho são tematizados a partir de uma perspetiva totalmente masculina. Embora as mulheres não estejam ausentes, elas desempenham no conto um papel secundário: não exatamente amadas, são encaradas como objetos de gratidão ou de raiva. Nas gravuras de Paula Rego, como é habitual, as mulheres são as protagonistas: é o seu ponto de vista, o seu corpo e a sua condição que estruturam, em plena visibilidade, a representação da natureza do vinho e dos seus efeitos transformadores.

No entanto, e apesar de tudo o que os opõe, nas gravuras como no texto a personagem principal é exatamente a mesma: o vinho – o seu corpo, a sua alma, a sua identidade. Neste livro polifónico, Paula e João contam ambos também a história dos poderes do vinho sobre os corpos, as almas e as identidades dos sujeitos. Neste livro desconcertante e contraditório, as criações dialógicas de Paula Rego e João de Melo, unidas sob o signo etílico, podem expor uma fecunda complementaridade.

2. Não disponho nem do tempo nem do talento para explorar aqui todos os vetores desta rica *coïncidentia oppositorum*, que, aliás, é própria também dos bons vinhos. Ainda assim, tentarei abordar três ou quatro aspetos fundamentais e profundamente imbricados, presentes tanto no texto como nas imagens: as isotopias do corpo e da alma, correspondendo em todo o caso a dois movimentos opostos, o da elevação e o da queda; as relações entre esses movimentos semânticos e a representação da identidade, do tempo e da pulsão da morte. E da vida.

¹ Este mesmo conto tinha integrado o volume *Coisas da Alma* (Lisboa: Dom Quixote, 2003).

O conto de João de Melo é, como se disse, dominado pela evocação da alma. A própria palavra aparece pelo menos dez vezes nessas breves páginas (Melo & Rego, 2007, pp. 10, 14, 34, 36, 42, 50, 82, 84, 90). Mas todo o texto está salpicado de alusões a substâncias diáfanas, entre o material e o imaterial: as nuvens, a bruma, o vento, os anjos, os seres fantásticos.

Essas alusões vaporosas representam por vezes, explicitamente, estados de alma. Simetricamente, os humores espirituais recebem qualificativos físicos: no início do relato, o protagonista descreve a sua “escura e ardente melancolia”, os olhos que se lhe turvam e cegam por dentro, invadidos pela nuvem que materializa a parte noturna da sua alma (Melo & Rego, 2007, p. 10). Ressonâncias sobrenaturais ou inumanas estão ainda presentes nos nomes de algumas personagens (Santiago, Miguel, Querubina, Oz). E tudo isto habita um conto docemente realista, com discretos matizes ideológicos e com abundantes alusões referenciais (Lisboa, o escritório, o trabalho monótono e sufocante, os amores ilícitos do patrão, o bar sórdido, o quotidiano opressivo); um conto cuja tonalidade estilística é curiosamente velada, quase rasurada.

De facto, a identidade do protagonista (que domina e modela todo o discurso) é caracterizada pela passividade e pelo tédio. Significativamente mantido no anonimato, falta-lhe grandeza – tanto a da alegria, como a da tragédia (Melo & Rego, 2007, p. 86). É um ser passivo, poroso, vibrátil, ele é “invadido”, “possuído” (id., 10) pelo nada de um emprego e de um quotidiano desprovidos de significação. A própria condição do protagonista-narrador reside nesta consciência de uma ausência essencial do Eu e de uma perda central do sentido da sua vida (id., 26). O suave veneno niilista casa bem com um certo sentimento português do tempo e da identidade, em que por mais de um modo se sente ainda o compasso do desassossego de Bernardo Soares. Em todo o caso, o empobrecimento, terno e como em surdina, que se observa tanto na visão do mundo como no discurso, é explicitamente

representado com um estado de desmoronamento, de dissolução numa tristeza mais vasta e num aniquilamento global (id., 38).

Esta mistura de ambiente opressivo, exalação íntima e desconforto ontológico coexiste apesar de tudo com a aspiração a um *além*; literalmente, falta a este ser afundado na anomia um *suplemento de alma*, que será também a redescoberta da vida e da sua identidade individual.

Ele adquire-a todos os dias, a esta energia vital – no vinho. Depois do trabalho, o narrador reencontra os seus três “irmãos do vinho”, os seus companheiros de bebedeira, os celebrantes, mestres e apóstolos dos “raros e deliciosos segredos do vinho” (Melo & Rego, 2007, pp. 62, 46). Todos os quatro, mais o taberneiro no papel de acólito e testemunha, procedem depois, no fim de cada tarde, à festa da comunhão e da alegria. Toda uma liturgia se desenrola, diante do taberneiro, desde a elevação do copo, a consagração do vinho, até à incorporação dos comungantes da alma do vinho e à explosão eufórica. É que, como diz sagazmente o protagonista, subitamente promovido à categoria de juiz exigente e pregador eloquente: “Tudo neste mundo comporta em si uma ética e uma ciência, as quais se tornam imanentes à própria matéria das coisas e dos seres.” (id., 44).

Sigamos esses rituais litúrgicos (pois que a isotopia da elevação é também a da sacralização): a elevação do líquido à luz; a sua leve agitação para o unir e misturar, para que o vinho se aquiete e apazigue no equilíbrio e no repouso do copo; a sua final e solene degustação (Melo & Rego, 2007, pp. 44, 50, 52).

Entretanto Moraes, o taberneiro, aguarda ansiosamente a sentença decisiva do provador, que será sempre implacável para com os profanadores do vinho (id., 50-52). Paralisado, em transe, ele espera

[...] ver o copo subir até à boca do provador, que o líquido se infiltre na comissura dos seus lábios, que alguma coisa faça com que o rosto se franza e os olhos se fechem na brevíssima e crucial meditação de todos os provadores de vinho, e que, logo depois, esse misterioso e austero juiz se pronuncie acerca do seu vinho.

Quando a língua do provador lhe estala dentro da boca, e ele exala um suspiro de aprovação [...] (Melo & Rego, 2007, pp. 52-54)

Então Moraes explode alegria, uma alegria física e húmida, parecida com a do amor. Na verdade, o que os bebedores vão contemplar e incorporar será a essência, a alma mesma do vinho – porque o vinho é um ser vivo, com corpo, sangue e alma (id., 44):

Depois de erguermos o vinho à altura da luz, e de vermos a sua alma rosada, de anjo purpurino, pousar no fundo do copo, imaginando como à luz nele se misturam o ouro e a púrpura [...] Deve-se degustá-lo de olhos fechados, com os sentidos unidos num único sentido: vendo, ouvindo, aspirando a alegre alma do vinho e aquilo que nela desperta. (id., 50)

3. Essa substância franjada e diáfana, com uma densidade espumosa e evanescente – a alma do vinho – vai em breve ativar a metamorfose da energia dos sujeitos. É para escapar ao amorfismo e à apatia que bebe vinho o protagonista anónimo de João de Melo.

De facto, é um protagonista peculiar. Narrador invisível, a focalização interna acentua a sua invisibilidade e a sua transparência. Tem, é claro, os seus *alter egos* radiosos. O seu belo patrão, Oz, como mágico sem existência efetiva, é a mais vistosa figuração da riqueza elegante, do brilho luxuoso e da esplêndida impecabilidade. As suas camisas magníficas, a sua pele, os seus dentes, as suas unhas perfeitas, tornam-no um ser construído todo pelo seu exterior (Melo & Rego, 2007, pp. 18-22). A sua ostensiva felicidade erótica e conjugal fazem-no benevolente, suave e cortês (id., 27-28). É para essa felicidade perfeita do sr. Oz, felicidade sem culpa nem esforço, que o narrador trabalha. Na verdade, ele trabalha e vive – para nada.

Consciente do “nada” que significa a sua presença no mundo, o vinho é a sua forma de conhecimento e acesso ao seu sentido individual. O vinho é para ele uma ascensão e uma individuação. Traz-lhe fulgor e profundidade. Ele não bebe para se perder, esquecer ou alienar: bebe para se salvar:

[...] quanto a mim, levanto-me e saio à rua, para ir à taberna da esquina beber o meu copo de vinho tinto, olhar a luz de Lisboa, ver a humanidade do dia – e depois regressar de lá com a ilusão de que voltei a pertencer-me, a ser outra vez eu no tempo desta cidade e na minha própria natureza... (id., 30)

E sem o vinho – o que seria de mim, da minha alma? (id., 36)

A propósito deste passo do conto, gostaria de partilhar brevemente uma perplexidade um pouco marginal. A tradução inglesa do conto, da responsabilidade da própria Paula Rego e de Anthony Rudolf, exhibe aqui um importante desvio em relação ao sentido do original de João de Melo. O segmento: “E sem o vinho – o que seria de mim, da minha alma?”, é traduzido por: “Without her [my wife], what would become of my soul?” (Melo & Rego, 2007, p. 37). A que poderá dever-se tão curiosa e radical alteração do sentido da frase?... Talvez o resto da análise da obra possa conduzir a uma explicação.

O protagonista de Melo bebe, pois, para se reencontrar, para se separar de um conjunto, para se sentir diferente dos outros. Na verdade, pensa, o vinho que se bebe é sempre parte de uma totalidade. É preciso esperar que o vinho se individualize no copo, que a sua alma repouse e se ajuste ao recipiente. O vinho não pode ser saboreado no estado de efervescência que o constituiu no tonel ou na garrafa; é preciso que ele abra, que se adapte à ideia da sua própria “fragmentação” (Melo & Rego, 2007, p. 46). Tal como o vinho, o bebedor destaca-se do todo, reconhece-se a si mesmo e à sua verdade mais pura:

O vinho liberta em nós os sentimentos invisíveis. Passa-nos de uma margem para a outra do oculto. Eleva-nos à condição de uma tirania que em si mesma se esgota e ilumina. Bebemos para mudar e para simplesmente deixarmos de ser homens para nada. Mudamos por junto e em separado. Cada um à sua maneira, é certo. Mas todos conscientes dessa alteridade, ou seja, da diferença que em nós se esconde durante o dia. (id., 62-66)

E então, nessa comunhão que é também uma diferenciação, cada um dos bebedores incorpora individualmente a alma do vinho, e a alegria instala-se, uma alegria filosófica e física, que é também uma forma de conhecimento: “a profunda, furiosa, e mais de quantas fraterna e humana alegria do vinho. (...) que nos torna a todos facundos, poéticos, e mais humanos e mais livres.” (Melo & Rego, 2007, p. 62).

Os seus três companheiros do vinho (os seus “irmãos”) são outros tantos avatares do protagonista, talvez as formas de expressão mais elementares da espécie humana: Alberto, Fontes e Aparício representam, sob o efeito do vinho, o devaneio, o choro, a fúria (id., 22, 68, 70, 74, 82). O ar, a água, o fogo, dir-se-ia. Quanto ao narrador, considera-se o mais sóbrio dos quatro... Ele insiste que bebe apenas até aos limites do seu desejo do vinho e do conhecimento de si próprio. O vinho regozija-o, torna-o arguto porque o ilumina, aumentando a sua consciência, expondo-lhe as feridas ocultas, exprimindo sonhos escondidos, expulsando a frieza e a indiferença, ativando todo o seu espírito, incluindo os seus pecados: “O vinho sou eu e os meus inofensivos delitos” (id., 84). Sobretudo, o vinho permite ao narrador recuperar a sua obsessão pessoal, a da alma e do seu voo. O vinho eleva-o e espiritualiza-o, fá-lo entrever o absoluto:

[...] quão importante é para mim mudar de vez em quando o meu mundo, soltar o pássaro que em mim deixou de cantar, abrir-me em quilha, rasgar a vela do meu barco e erguer ao vento do mar impossível os destinos da alma. (Melo & Rego, 2007, pp. 86, 90)

Esta libertação da alma é também sensível na identidade estilística do discurso do narrador: menos moderado e menos seco, mais emocional e mais explosivo, o seu discurso ganha, na parte central do conto, as qualidades do vinho – o corpo, a densidade, a leveza, o tanino – como se uma fermentação textual acompanhasse também a metamorfose da alma. Sem espuma e sem efervescência, a

sua voz continua sóbria, mas adquire uma fluidez, um matizado tonal e uma agilidade típicas, dir-se-ia, dos vinhos mais ricos. Veremos que lhe não há de faltar um ressaibo de amargor.

4. Longe da representação dos misteriosos poderes desta forma de energia ascensional, vista e experimentada no interior da alma, Paula Rego representa, a partir do exterior, a influência destruidora do vinho nos sujeitos. É uma visão excrementícia do corpo humano e dos efeitos devastadores do vinho sobre ele. É por isso que o texto visual não constitui, de todo, uma ilustração do texto literário: guarda em relação a ele as suas distâncias e a sua autonomia.

A própria ordem das gravuras no livro reforça essa autonomia. Paula Rego conta-nos o *pós-vinho*: a primeira gravura mostra o fim do conto de João de Melo, situando-nos imediatamente nessa posterioridade.

Curiosamente, ninguém bebe vinho, nas ilustrações de Paula Rego, exceto as crianças: as suas mães dão-lho a beber. Aqui, o vinho é a inoculação da própria morte.

Aqui, a embriaguez é negra, o deboche solitário.² Tudo se passa, nestas imagens como geralmente em Paula Rego, num cenário doméstico. São as consequências tragicômicas do vinho que aqui são exorcizadas. É talvez uma realidade socialmente ocultada aquilo que estas imagens denunciam, uma parte talvez da história das mulheres (os homens são, aqui, nitidamente minoritários): os dejetos, os farrapos, o próprio corpo da repulsa.

Os efeitos do vinho, vistos de fora, são da ordem do alucinatório, do escatológico e do grotesco: o vômito, a languidez, a negligência, a ruína.

A alma do vinho (e dos sujeitos) está, no entanto, presente de uma forma bastante interessante: ela é corporizada no rubor etílico, a púrpura que, entre o ignóbil e o humorístico, dá cor às faces das

² Tom Rosenthal considera *Celebration* (1953), de Paula Rego, uma antecipação longínqua do tema e das figuras presentes nas litogravuras da série *Wine*.

mulheres, do homem e das crianças, e que constitui uma chave uniforme para a leitura das imagens. É uma alma maldita.

A garrafa, motivo central e omnipresente, acompanha sempre, como um emblema, a representação quase exclusiva dos corpos. São corpos cuja presença estrutura toda a composição - na sua tensão, gesticulação ou abandono.

É essa massa carnal, em espasmo ou em delírio, o lugar de expressão de um destino e de um universo. O vinho perturba-a, enche-a, tinge-a - degradando-a, amolecendo-a, conferindo-lhe peso e inércia. O vinho desfigura os corpos, desarticula-os, torna-os ridículos, repulsivos ou dolorosos.

É uma violência insidiosa e alienante, a do vinho sobre os corpos. Olhos que não veem, bocas que bocejam ou que vomitam, mas que não falam; mãos que não agarram, pernas que não sustentam nem caminham. São corpos que não se têm de pé, em langor ou em transe. Espojam-se sobre cadeiras, sofás, camas, sanitários, chão.

Trata-se do imaginário do transbordamento e da queda - a dinâmica da decomposição. De facto, como sempre em Paul Rego, esses corpos contam histórias. O conjunto destas ilustrações é assim um longo relato alegórico, comandado pela ontologia dominante do vinho, quer dizer, comandado pela indução da decadência e da morte (a figura da morte surge na antepenúltima imagem). A última gravura, de resto, pode também ser lida como uma banda desenhada, justapondo momentos sucessivos, incorporando-lhes, portanto, a dimensão temporal. Ela configura a síntese, a recapitulação ou até a redenção da história global: finalmente sóbria, a mulher sentada ao centro, isto é, no presente (a narradora?), contempla, com uma frieza compassiva, a rapariguinha que ela própria talvez tenha sido.

As gravuras de Paula Rego respondem pois, no seu tom trágico, embora empático, ao conto de João de Melo - de que constituem a resposta feminina, que lhe prolonga a amargura lúcida e o peculiar realismo 'modificado', magicamente insuflado de púrpura. Em Paula Rego, esse realismo é povoado de sombras e intimidades corporais,

de gestos sacrificiais, de crueldade, mas também de cumplicidade. Em João de Melo, é uma liturgia da alma, da dor de existir e de compaixão.

No fim do conto, quando chega a casa, o protagonista-narrador de João de Melo encontra a sua mulher. Depois do seu ímpeto de voo, o marido cai como um náufrago na cama. Regressará, no dia seguinte, passivo, cético, apático, até aspirar de novo a alma mágica do vinho, a sua alma, aquilo que o faz viver, e voar, e de novo cair. Da isotopia da alma, à isotopia do “nada” – é “nada” a última palavra do texto. Esta estrutura cíclica da narrativa cria uma forma fruste de intemporalidade: o presente do indicativo escande toda a ação mas, como diz o protagonista, “o tempo não passa nem está parado” (Melo & Rego, 2007, p. 34). A vida simplesmente se consome, no anonimato e na estase melancólica da carne – de que só o vinho é, literalmente, a alma.

A sua mulher, sempre silenciosa, sabe-o muito bem. Só ela o conhece, como se fosse a si própria. Talvez por isso, para Paula Rego e Anthony Rudolf, não é ao vinho que o protagonista deve a alma – é à sua mulher; e terá sido também por isso que a tradução inglesa do conto atraçou o original português. Quando o marido chega e cai, só a mulher o acolhe; depois, mais só do que nunca, ela come na cozinha o seu pão com lágrimas (Melo & Rego, 2007, pp. 36, 86-92).

A réplica da mulher - pela mão de Paula Rego - começa, então, nesse preciso momento em que acaba o conto de João de Melo.

REFERÊNCIAS

REGO, Paula e MELO, João de
2007 *O Vinho / Wine*, Londres, Enitharmon.

ROSENTHAL, Tom
2007 “Subversive narrative”. *Spectator*, 20 octobre 2008. [também disponível em: <https://www.spectator.co.uk/article/subversive-narrative>, acesso em 12 de março de 2021]